



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A ESCOLA E O ENSINO NA DIVERSIDADE DA AMAZÔNIA: DESAFIOS FORMATIVOS

Maria Aldecy Rodrigues de Lima¹

1 Introdução

As comunidades no interior do Acre se formam inicialmente com a vinda dos nordestinos² em busca do “ouro negro” que culmina com sua inserção no trabalho nas estradas de seringa tendo o seringalista como seu padrão. Segundo observa SOBRINHO (1992) esses homens passam a se constituir em “escravos dos seringais”. Vinham inicialmente fugindo da seca que assolou o nordeste e a ideia do enriquecimento fácil na produção da borracha. Porém, contraem dívidas e mais dívidas que os obrigam a viver nesse rincão do imenso Brasil, longe, isolados, desolados. Pobres e endividados muitos deles nunca mais voltam a sua cidade natal.

Imbuídos do trabalho nas “estradas de seringa” não sobra tempo para estudar. Além disso, nos seringais não havia escola – esta que já nasce elitizada parece fortalecer a ideia de que estudar é para uma parcela pequena da população, aos demais resta o trabalho árduo que não exige leitura e escrita na execução do trabalho laboral na roça ou na extração do látex e produção da borracha.

Nesse sentido, o ensino escolar para as populações e/ou comunidades ribeirinhas e rurais que vivem o realismo amazônico ao longo dos tempos, se materializa frente aos embates. Assim, a escola no interior da Amazônia vai aos poucos sendo desenhada, sobretudo, quando da falência dos seringais. Muitos seringueiros que não sabiam ler projetaram a escola e o saber escolar

¹ Doutora em Educação. Professora na UFAC – Campus Floresta – Curso de Pedagogia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação – GEPEd. E-mail: aldecyczs@gmail.com.

² Embora saibamos de vários grupos indígenas na região cuja existência é anterior a vinda dos nordestinos, não nos cabe aqui historicizar este aspecto. Nosso recorte parte da existência da escola nas comunidades de difícil acesso ou antigos seringais – conforme fazemos opção de denominar.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

para seus filhos com a ideia de que, em decorrência da formação escolar, poderiam exercer um trabalho menos árduo que àquele executado na extração do látex e produção da borracha nos seringais.

Neste trabalho dialogamos inicialmente com alguns aspectos históricos sobre a escola e o ensino e posteriormente nos debruçaremos sobre o programa Asas da Florestania desenvolvido no estado do Acre como possibilidade de acesso a educação para o homem da floresta. Sobre o programa falaremos mais especificamente sobre sua implantação e mais extensamente sobre a metodologia de trabalho – os memoriais.

2 A escola no interior da floresta

A escola – lugar de ensinar e aprender, aprender a aprender, construir e socializar os conhecimentos da ciência, nem sempre se colocou como natural às pessoas que moram no interior da floresta. Esta representa um lugar social de destaque àqueles que a frequentam e, como consequência, almejam postos de emprego diferentes dos modos de trabalhar na estrada de seringa.

A escola nesse sentido é um lugar de estudo sistematizado, planejado, organizado em função do homem que se quer formar. Contudo, quando falamos de escola no interior da floresta acreana, recorreremos às concepções de âmbito nacional, pois esta foi sempre tida com um olhar enviesado, atravessado pelo olhar da educação geral que, de certa forma, ignora a existência do homem do campo no que concerne a cultura e modos de vida. O que mostra a literatura é que,

A preocupação com a educação no campo é recente no Brasil, embora o país tenha tido origem e predominância agrária em boa parte de sua história. Por isso, as políticas públicas de educação, quando chegaram ao campo, apresentaram-se com conceitos urbanocêntricos: a escola rural nada mais foi do que a extensão no campo da escola urbana, quanto aos currículos, aos professores, à supervisão. (Brasil, 2013, p. 119)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A (auto)biografia é um espaço de auto reflexão, nesse percurso há o processo contínuo de formar-se sempre. De se constituir sujeito de aprendizagem, de compreender a própria realidade e se colocar enquanto investigador de seu processo formativo. Ora, à medida que escrevo apendo. E, aprendendo a escrever, me situo no mundo – produtor de texto, fazedor da história. Nesse processo é possível seguir a trajetória da educação libertadora pensada por Paulo Freire que estabelece o ato dialógico como ação problematizada e tematizada com o propósito de atingir o processo de conscientização.

A relação dialógica entre ensinar e aprender, aprender na escola, intercala os saberes escolares e os saberes da tradição. Aprendendo a escrever no exercício prático da escrita. O ato de escrever, ressignifica o cotidiano. Para a pesquisa auto(biográfica),

Atualmente, escrever sobre o que se faz e o que se sente tornou-se um recurso de pesquisa para analisar o cotidiano e a prática profissional. No âmbito da educação, as narrativas autobiográficas compõem um método de construção do conhecimento que fundamentam a reflexão do fazer pedagógico e a re-significação da própria ação (PASSEGGI, 2011, p.2).

Assim sendo, compreendemos a metodologia usada no programa Asas da Florestania inserida numa perspectiva teórica que direciona os alunos à experiências formativas que ultrapassam postulados tradicionais de ensino e imputam cotidianamente aos docentes às tarefas educativas que intercalam vida e realidade não separando aquilo que se aprende na escola daquilo que se aprende no dia a dia da comunidade. Assim,

[...] a atividade biográfica não fica mais restrita apenas ao discurso, às formas orais ou escritas de um verbo realizado. Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia. A utilização dos termos biografia e biográfico para designar não a realidade fatural do vivido, e sim o campo de



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.3).

Retomando o dizer de Passeggi, "a escrita do memorial democratiza as narrativas memoráveis, substituindo o personagem ilustre, o notável, pelo narrador-autor que se coloca em cena como herói de sua própria história" (PASSEGGI, 2008, p. 37).

No que diz respeito à produção de memoriais no Ensino Médio, o Programa Asas da Florestania foi o pioneiro no Brasil, trazendo este como metodologia indispensável para o processo de formação dos sujeitos nele envolvidos, como os alunos escrevem. Assim se marca um momento produtivo na escola e formativo sempre. Escrever não é um dom e sim uma habilidade e como tal precisa ser exercitado cotidianamente. Os alunos que tem a oportunidade de escrever seus memoriais tem a possibilidade de dialogar constantemente com o cotidiano e o vivido na cultura e na escola. Nesta mesma linha de raciocínio observamos que:

Tomar esses escritos como objeto de reflexão é acreditar que a escrita de si, por ser uma escrita autobiográfica, constitui-se em um momento singular para desenvolver a competência interpretativa e reflexiva sobre si e sobre o cotidiano escolar. Escrever sobre si é um exercício que promove uma autorreflexão (PASSEGGI, 2011, p. 2)

As vozes que se intercalam no exercício da escrita traduzem a aprendizagem dos alunos e seu envolvimento com o saber escolar tanto almejado nas comunidades de difícil acesso no interior da floresta acreana. O fazer docente quanto propõe atividade prática como metodologia didático-pedagógica se configura num modelo que supera o ensino tradicional em que a escrita é uma punição. Escrever sobre si é refletir sobre o processo formativo. Coloca o aluno numa outra condição. Sobretudo, porque supera a velha concepção de que a escrita é um dom e, ao mesmo tempo, promove a autorreflexão enxergando nessa atividade, a função social da escrita.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

3 Considerações finais

O realismo amazônico é formado por um quadro *esfumado* de múltiplas cores, forma, fauna, flora. Homens e mulheres que almejam o estudo escolar para além daquilo que vivem no cotidiano de plantar, colher, pescar, caçar. A escola é desejava, sentida como possibilidade do saber mais, de aliar o saber da tradição ao saber escolar. Aprende a ler para decifrar o código escrito, entender além da materialidade do dito, inserir-se numa outra realidade que vai ultrapassar o horizonte da floresta.

Tais desejos se tornam realidade para muitos pais de famílias que confiam seus filhos aos cuidados do professor com a firme convicção de que serão mais humanos, mais ativos, mais bem formados. Que valorizem seu espaço, mas, sobretudo, com direito ao acesso e permanência as qualidades da educação destinada àqueles que vivem nas cidades. Precisando ser mais observado pelo poder público, acolhido pelas políticas públicas destinadas ao homem do campo.

Desse modo, entendemos o programa Asas da Floresta como uma ação formativa que viabiliza aos estudantes escrever sobre si, suas aprendizagens e dificuldades. Retratando de modo escrito o cotidiano e o vivido no espaço escolar e que se intercalam escola e campo, campo e escola. Vida e realidade.

4 Referências

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**. Brasília, 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**. v. 7, n. 51, p. 523-536, setembro-dezembro, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memórias auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias, memórias: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**: Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 369-386, abril, 2011.

PASSEGGI. Maria da Conceição; SOUZA. Elizeu Clementino de. **Pesquisa(auto)biografia**: formação, territórios e saberes. (Orgs.). Natal/RN, EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

ROCHA, Eliene Novaes. GONÇALVES, José Wilson Souza. **Educação no campo**: dimensão educativa da luta sindical e práticas pedagógicas na educação no campo. Brasília, DF: CONTAG, 2011.

SOBRINHO, Pedro Vicente Costa. **Capital e trabalho na Amazônia ocidental**. São Paulo: Cortez: Rio Branco-Ac: Universidade Federal do Acre, 1992.

SOUZA, José Valderí Farias de. **Educação do campo e da floresta**: um olhar sobre a formação docente no Programa Asas da Florestania no Alto Juruá/AC. 2013. 143f. (dissertação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Amazonas. Manaus, 2013.